

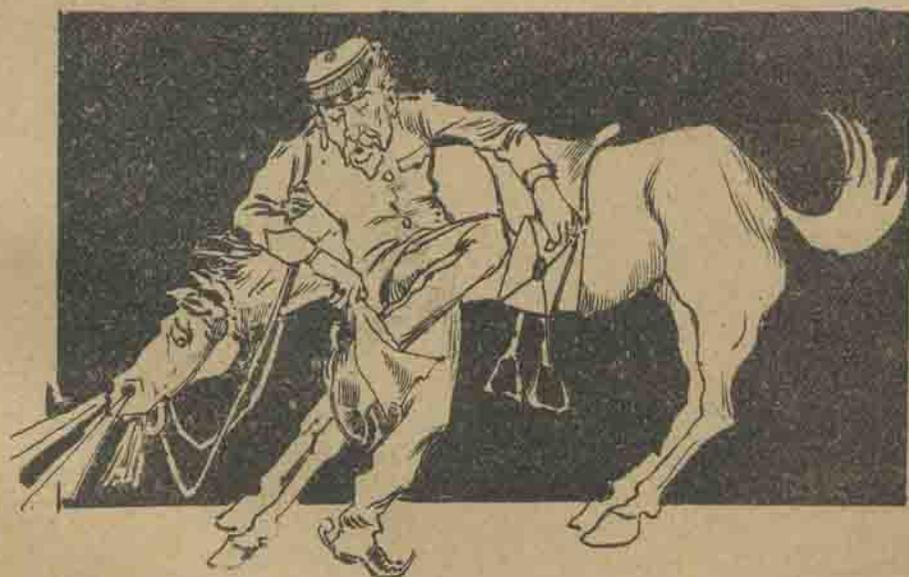
Para a historia da recomposição

(DO ARTIGO DO TEMPO)



.....

 «Só se sabe que um correio a cavallo partiu, ven-
 tre à terre, em direcção ao Chiado, com duas cartas.
 O fogoso corcel parou defronte da egreja dos Marty-
 res e o numeroso correio,



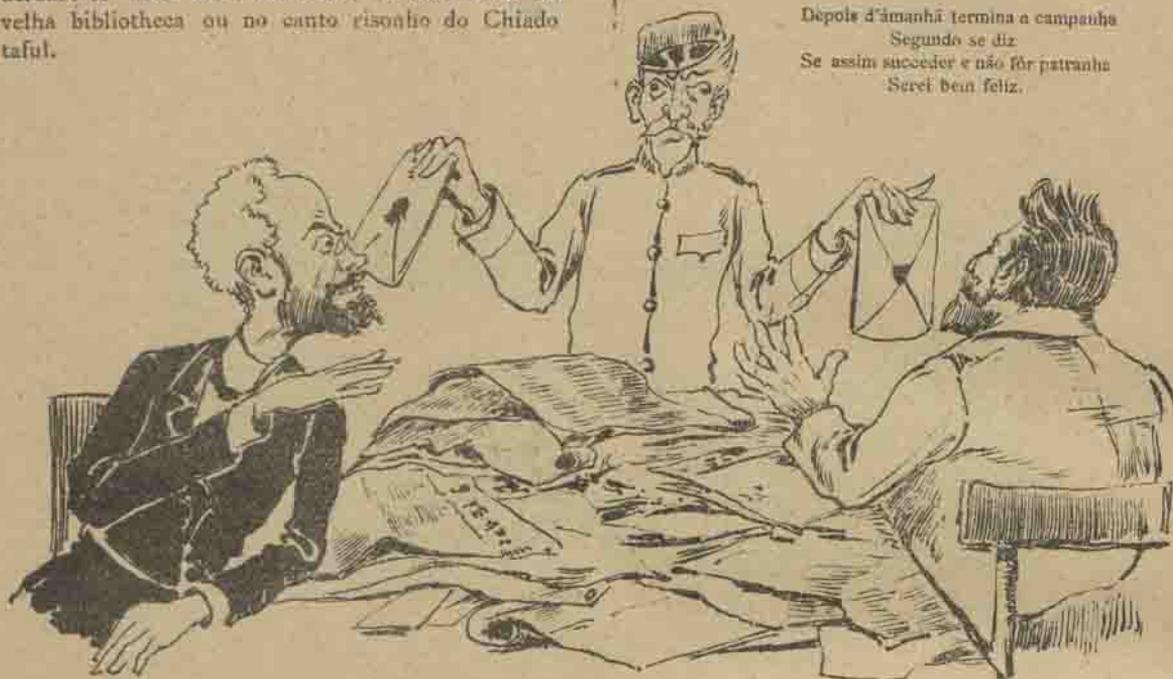
limpa-se da poeira, sobe a escada,
 entra pelo salão.
 —A quem me cabe a honra de falar?
 —Sou de sôr conselheiro a sentinella.
 —Bem vinda seja ella!

E o correio entregou as duas cartas aos dois cavaleiros, que desenfastiadamente cavaqueavam em volta d'uma vasta meza, cheia de jornaes. Ruscados os

sellos dos pergaminhos, cada qual leu meditativamente as regras que lhe eram destinadas, e, como se obedecessem a uma inspiração divina, ambos responderam: A' noite serei comvesco, ou nas ruínas da velha bibliotheca ou no canto risonho do Chiado taful.

E o mensageiro partiu, fazendo a continencia do estylo, e foi cantarolando pela escada abaixo, como quem sabe dos segredos políticos, tanto ou mais do que o proprio sr. Baltar:

Depois d'amanhã termina a campanha
Segundo se diz
Se assim succeder e não for patranha
Serei bein feliz.



Em cima não se cantava; havia um silencio lugubre,

...mudez profunda e calma
Fechavam-se tremendo as petalas da alma.

Os dois cavaleiros, que possuíam os pergaminhos da situação, olhavam-se cabisbaixos e pensativos.



Até que um d'elles, voltando-se para o companheiro, recitou em voz dolente:

Estavas, ó Martins, posto em socego,
E da Regie colhendo o doce fruto,
N'aquelle engano d'alma ledo e cego,
Que a Fazenda não deixa durar muito,
Quivindo em baixo o canto d'un gallego,
De retincto Cartaxo ouca enxuto,
A' Maria ensinando e à Gertrudes
O nome do tabaco e as virtudes.

E quedou-se, offegante e acabrunhado, até que o outro erguendo-se, lhe bateu no hombro e murmurou estas palavras animadoras:

Benes, meu Ennes, p'ra que aneias tanto,
Causas-me espanto com tristezas taes,
E' sina! e' sina! Redactor, liquemos,
Não accitemos... Para qué, teus ais?!



E sahiram muito alegres, de braço dado. Dizem os pragueiros que foram jantar.

Por ahí...

DO PELOURINHO À RUA DO OURO



Prosigamos no fadario
De *flaneurs* e de *chronistas*:
Dando larga ao *commentario*
Entremos no *sanctuario*
Da rua dos *Capellistas*.

Aqui, circulam dinheiros
Em papel, em ouro, em prata;
E, nos finos *pasteiros*,
Come a nata dos *banqueiros*
Os melhor's *pasteis* de nata.

Ha negocio de *bon-bons*,
Ha negocio de *papeis*:
—Mas tenho *motivos bons*
P'ra acreditar que em *coupons*
Se ganha mais que em *pasteis*...



Além, por esses *cortiços*,
O *aureo-mel* nasce aos *almúdes*:
Abelhas, p'ra taes *serviços*,
São *Burnays*, *Mosers*, *Chamiços*,
Gandarinhas, *Bensaúdes*.

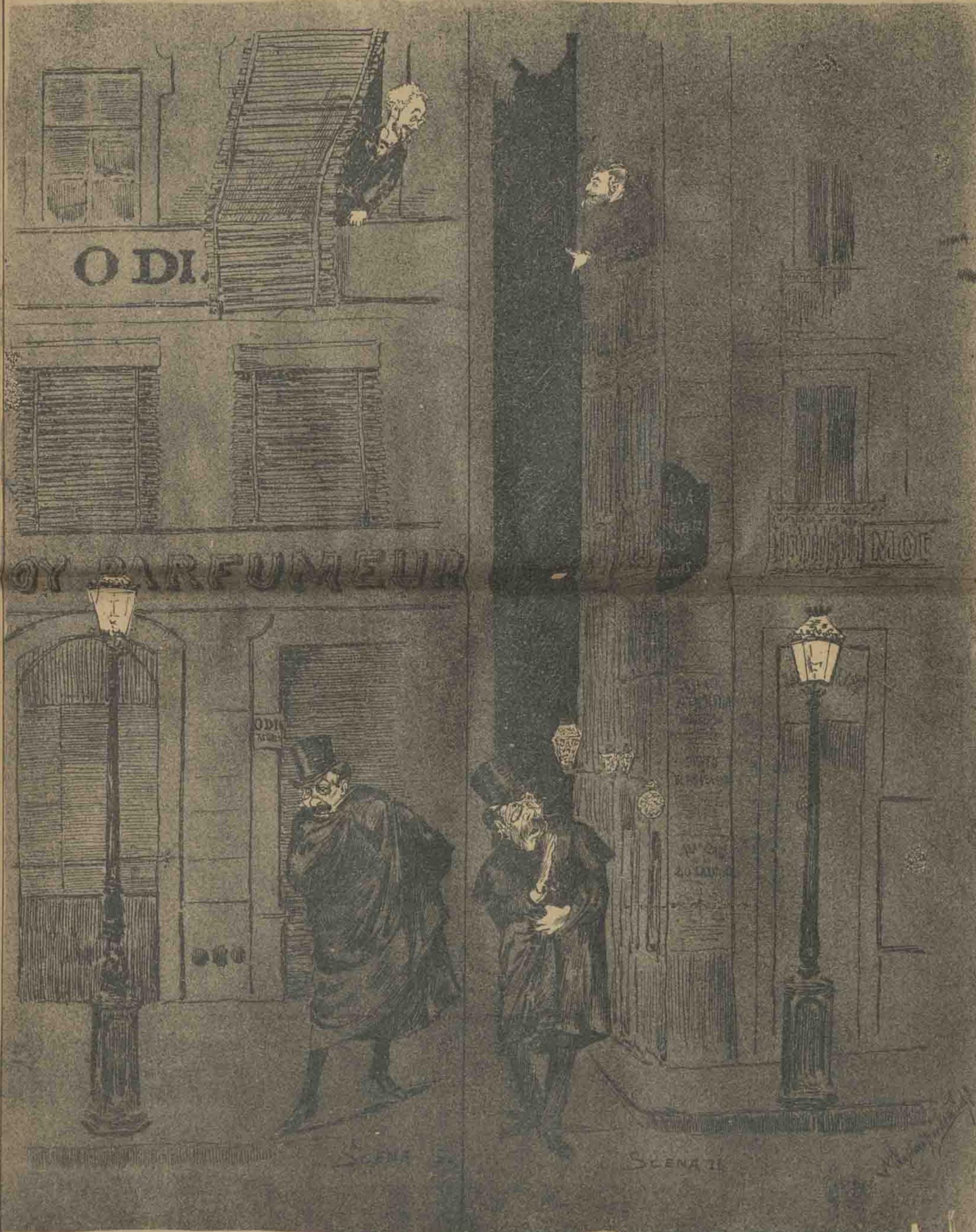
Mas, da lida como exemplo,
Foi sempre a abelha apontada:
Ao passo que, n'este templo,
Por mais que abelhas contemplo,
Não n'as vejo a fazer nada!

A razão lhes aconselha
Que o nome de *zangãos* tomem,
Pois que a lida os não engelha
E o *paiz* é que é a abelha
Que faz o mel que elles comem...



RESULTADOS FINAES DA RECOMPOSIÇÃO.

SCENA NOCTURNA



—Vá lá um homem fiar-se em apparencias!

Isto posto, vejo agora
Que é de sã phylosophia,
Tarde ou cedo, vir a hora
Em que a abelha os ponha lora
Com ferroadada bravía...
Pois que me propuz mostrar-te
Coisas do gosto e de estima,
Se não receias cansar-te,
Vamos seguindo d'est'arte
Pela rua do Oiro acima,

Junto a mim serena avança;
O que eu vir, também tu vês,
E em paga d'esta alliança
Vou comprar-te uma lembrança
Na loja do 103.

Vê que riqueza se encontra
—Só de vê-la te confortas!—
Quanta joia em cada montra!
Que soberbas pell's de lontra
Penduradas pelas portas!...

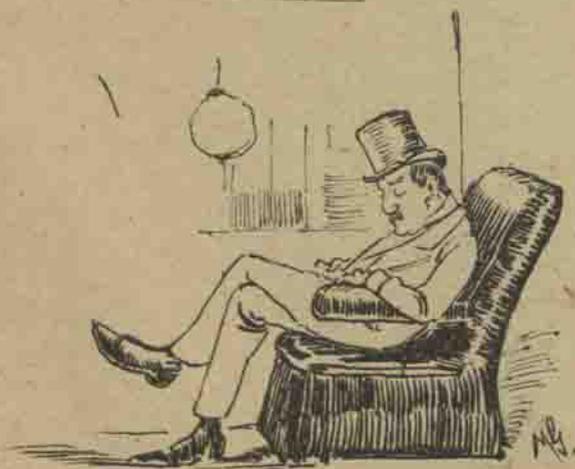
Mas commove essa alma tua
—Que isto agora não consola...
Anda ali, no meí' da rua,
Criançita quasi nua
Que nos vem pedir esmola!...

Tantas coisas vãs e futeis
Que a moda nos traz de França!
Tantas trapagens inúteis
—E os trapos faltarem, utcia
P'ra cobrir uma creança!

Mas deixemos coisas serias,
Cantemos folias vívidas!...
—Pobreza... fome... Ora, lerias!
Que nos importam misérias?
—Tristezas não pagam dividas!...

João F. de S. Carlos

THEATRO DE S. CARLOS



As cadeiras do salão: innito concorridas durante os actos do *Me-
ristophelles*. Morrer, sonhar, dormir!... Duvida cruel!...

Fumando...

A semana ultima foi cheia.

— *Ohé, la musique...* Tivemos no *Principe Real* a reaparição de Lucinda Simões. Nas livrarias, dois livros valiosos. Um entreacto de recomposição ministerial, na politica. E quanto a scenas de rua, seria um nunca acabar de ennumerar-as, caso a tanto nos propozessemos.

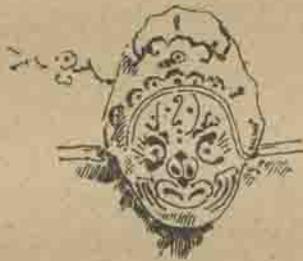
Lucinda Simões debutou no *Principe Real* co' *De-mi-Monde*. E' a sua peça de resistencia, e vale a pena que o seja, visto como em nenhuma outra ella procede com mais segura pujança de meios, e mais completo relevo de dons scenicos e plasticos. Esta creação de *Suzana* porém, se por um lado deixa admirar, uma vez, dez, duzentas vezes, a inextinguivel fartura de recursos que a illustre comediante possui na alta comedia, por outro lado entristece-nos, por vêr como ella, na mais deslumbradora phase do talento e da belleza, immobilisa assim a sua galeria dramatica em meia duzia de typos, sem mais procurar desdobrar o seu jogo em creações de peças ainda não vistas, e que tamanho lustre poderiam dar ao paleo portuguez. Todo o repertorio de Dumas filho estava aberto á gloria da finissima artista, desde a *Mulher de Claudio* e da *Estrangeira*, até á *Francillon* e ao *Mr. Alphonse*; quasi todas as comedias de Sardou lhe poderiam servir d'enquadratura; e muitas outras peças dramaticas achariam n'ella uma interprete rara e uma transfiguradora unica, caso o theatro lhe inspirasse realmente um culto serio, e á illustre mulher comprazesse descer das suas idealidades romancescas d'*enfant gaté* da arte pura, té outros intuitos mais asperos d'estudo e de trabalho, tão imprescindiveis na vida de quem ser, e ó, sem rivalidades nem sombras, a primeira actriz portugueza dos nossos dias.



Estou a vêr o que ella daria por exemplo n'aquelle papel de *mistress Clarkson*, na *Estrangeira*, tão estapafurdio, e ao mesmo tempo tão propenso aos detalhes raros, ás finas intenções, e aos lampejos do grande jogo dramatico moderno—e que typo colante de aristocracia e de graça não devia de ser uma *Francillon* que ella visionasse, com a sua belleza forte de *femme de trente ans*, e aquella arte de *compôr*, tão intellectual, fructo do querer, que muito poucas atingiram ainda com a sua intensidade vivida e fri-sante!

Causa pena ver esta natureza tão rica, ser tão pouco vaidosa dos seus dons; ver esta mulher que podia reinar incondicionalmente n'um meio artistico á sua altura, satisfazer-se apenas com a gloria d'estar deslocada em proscenios pallidos, compromettendo assim os que não podem subir com ella, e não causando por outro lado, sobre o publico, o fetichismo a que tinha direito o seu maravilhoso poder de visão poetica, e d'analyse scenica e psychologica.

Um talento sequestrado, como o de Lucinda Simões, annos e annos, ao palco, não representa só uma *nonchalance* de mulher prodiga, persistindo em não contar os annos moços, senão tambem uma usurpação feita ao paiz que a viu nascer. Os grandes espiritos não se pertencem: são propriedade de todos: cada hora que repousam, é um anno de civilização em que nos defraudam — Elles pagam o condão da sua excepcionalidade, com o martyrio de só repou-sarem na morte, e com a modonha clausula de não poderem soltar protexto ou queixa, que não fique para as gerações, em obra perduravel!



Os livros, dois.

Um romance, o *Bastardo*, e um volume de theatro, *Dois dramas*... O romancista é Julio Lourenço Pinto. O dramaturgo é Lino d'Assumpção.

O *Bastardo* continua a serie de estudos sociaes que Lourenço Pinto vem proseguindo sob a designação de *Scenas da vida contemporanea*, estudos talhados no vivo, e todos sangrentos d'analyse e d'acção. Haveria um arioso parallelo a encetar, entre os processos d'efabulação e factura dos romancistas portuguezes que dissecam pela moderna escola franceza e os que, como Camillo, se deixaram fiar na arte, sem filiação partidaria, simplesmente entregues á inspiração do instante, e fundindo os seus typos em moldes de sua propria execução.

D'esse parallelo resultaria sem duvida, a par da confirmação do velho schema — não ha escolas, ha capacidades — a certeza de que muitos dos nossos homens de letras falliram precisamente por essa subserviencia cega e incondicional do seu espirito, ás doutrinas d'um ou outro mestre auctoritario.

A quantidade de homens de talento que por exemplo Emile Zola tem estragado, na Europa de hoje, por si só daria um batalhão. Vejam-se os discipulos apresentados por elle, aqui há doze annos. Quasi todos descambaram em *faisseurs* de folhetim, e o unico que fica, Guy de Maupassant, renegou o mestre ao terceiro volume que assignou.

Não se entendem estes dizeres com o *Bastardo*, filho legitimo d'um espirito individual que vê preciso, e sabe narrar interessantemente o seu sonho da vida, sem adhesões servis aos conventiculos da moda, nem demasiadas reverencias ás bestialidades da alma contemporanea.

Nos *Dois Dramas* de Lino d'Assumpção, interessa-me especialmente o ultimo (Eva se chama) estudo d'adultera entalada entre o desprezo do amante, e os desesperos do marido, e que põe termo á vida, não se sabe bem se para fugir á deshonra, se para escapar á velhice.

Não discutirei o interesse que esta especie particular de heroínas continua a promover entre os sensiveis; nem tão pouco os meandros dramaticos por onde o escriptor cortou, p'ra desfechar allim na scena de morte. O que eu desejava contar é a impressão que me produziram os tres primeiros actos da *Eva*, e a magnifica elegancia e correcção que se espargem a mãos cheias, por todas as scenas de comedia d'esses actos, seguramente os mais bellos que ultimamente eu tenho visto em portuguez.

A nossa litteratura dramatica é tão pobre em specimens, e de tal sorte abundam nas peças originaes, os monos empalhados, com pretensões a fazer se passar por typos vivos, que se faz quasi uma obrigação saudar na *Eva* o caso sporadico d'um escriptor que viu certo, com uma facilidade e uma frescura, muito para além das normas habituaes.



De a mim mesmo agora pergunto o motivo porque foi retirada a *Eva* de scena, ao cabo das seis ou oito recitas que deu, não sei dizer d'argumento que mais falle á razão do que um sophisma, tanto esta peça, pela sua estrutura e desempenho, parecia destinarse a uma vida larga e vigorosa.

O publico tem ás vezes perante certas obras, umas injustiças revoltantes; e com originaes portuguezes, em se lhe vão dando estridente, vae-se embora, persuadido de que não ha escriptor portuguez capaz de trabalhar bem com moias tintas.

Cumpriria á critica asphixiar de vez estas grosserias de gosto — se a critica fosse entre nós alguma coisa mais do que uma alcoviteira mercenaria, a vender de bilhetes de borla, e a traficar com peças traduzidas.

S. CARLOS

(AS NOVAS CADEIRAS)



QUANDO ACABA A S.^a PASQUA.

QUANDO COMEÇA O S.^r ARAMBURO

Das novas cadeiras se pôde dizer como dos personagens dos romances de Ponson — como que mo-vidas por uma mole occulta...

DEPOIS DO ENTUSIASMO.



Depois do Miserere do Trovador cantado pelo tenor Aramburo: A plateia transforma-se n'uma seara de meia-solas.

Efeitos singulares do bel-canto:



SEVERIDADE E COMPLACENCIA



Cantou bem o tenor Andrade.

Cantou mal o tenor Aramburo.